



Ator-Rede e além... no Brasil

As teorias que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá?

José Fabio Marinho de Araújo e Cristina de Melo Valente (Organizadores)

Direitos Autorais e Cópias

Este livro tem distribuição gratuita e está disponível em site para download de livre acesso, sem custos (<http://livroator-rede.blogspot.com.br/>).

LICENÇA CREATIVE COMMONS
<http://creativecommons.org.br/as-licencas/>
<http://creativecommons.org/choose/>

Capa:
Marta Dantas

Copyright © do Autor

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.
O selo EDUEPB segue o acordo ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil, desde 2009.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL - UEPB

361.1
A881

Ator- Rede e além no Brasil... as teorias que aqui gorjeiam não gorjeiam como lá? [Livro eletrônico]. / José Fábio Marinho de Araújo, Cristina de Melo Valente (org.). - Campina Grande: EDUEPB, 2014.
8500 kb - 327p.: il: color.

Modo de acesso: Word Wide Web
<<http://livroator-rede.blogspot.com.br>>

ISBN 978-85-7879-203-9

1. Ciência e tecnologia. 2. Ética. 3. Biodiversidade. 4. Sustentabilidade. 5. Bioeconomia. I. ARAÚJO, José Fábio Marinho de. II. VALENTE, Cristina de Melo. III. Título.

21. ed. CDD

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
Rua Baraúnas, 351 - Bodocongó - Bairro Universitário
Campina Grande-PB - CEP 58429-500

Fone/Fax: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br>
e-mail: eduepb@uepb.edu.br

Da *poesis* na escrita de relatos e políticas de produção de testemunhos: por narrativas de movimentos mínimos

Dolores Galindo

As pesquisas que realizamos no Laboratório *Tecnologias, Ciências e Criação*, alocado num programa de pós-graduação em estudos de cultura contemporânea, tem nos levado a problematizar o estatuto da *poesis* na escrita de relatos e nas políticas de produção de testemunhos em TAR. Anualmente, o laboratório recebe estudantes em nível de graduação e pós-graduação, provenientes de diferentes formações disciplinares, para o desenvolvimento de práticas de pesquisa na interface entre arte e ciência cujos relatos são interpelados por políticas de veridicção, características das ciências modernas, a atuarem como testemunhos da aplicação de métodos cujo registro possa ser atribuído ao domínio particionado como factual, delegando-se aos exercícios particionados como ficcionais e/ou poéticos, no mais das vezes, um estatuto ilustrativo.

Na linha de investigação voltada à criação em arte e ciência que desenvolvemos no nosso laboratório, destacamos os experimentos em dança contemporânea que vem sendo mobilizados para pesquisar processos de co-constituição dos corpos nas relações entre humanos e não humanos. Ao longo dessas pesquisas, os chamados não humanos são caracterizados por uma ampla gama de modos de existência que variam do animal ao técnico, bem como por misturas que assumem modos de existência inusitados. Para os espetáculos que foram apresentados e para os processos de criação em curso, adotamos o princípio de simetria generalizada que agrega a proposta de estudar humanos e não humanos sem distinções substancialistas, de maneira que as distinções entre ambos são sempre locais e situadas em práticas de composição de movimentos. Com a finalidade de ilustrar o que desenvolvemos nesta linha

de trabalho, citemos duas práticas de pesquisa realizadas no laboratório.

A artista da dança e psicóloga Danielle Milioli, pesquisadora do laboratório, vem se dedicando a criar um espetáculo a partir da relação com cavalos com quem se propõe a conviver num rancho dirigido à equitação. O processo de doma constitui o cerne da pesquisa por permitir visualizar simultaneamente práticas desiguais entre humanos e não humanos e práticas de troca e reciprocidade entre ambos. Durante o período de convivência nos estábulos, a artista dedica-se a conviver com os tratadores de animais responsáveis pelo cuidado cotidiano dividindo com estes atividades cotidianas (lavagem, escovação etc.), com os profissionais conhecidos como domadores de cavalos (pessoas que são habilitadas em técnicas de aproximação com os animais, ajuste de passadas, preparação para receber a sela, montaria etc.) e com os cavalos com quem se propõe a conviver nos chamados momentos de descanso dos animais nos quais repousam nas baias. A fim de trabalhar na dança a variação das posições reservadas aos humanos e aos cavalos adultos na doma para a equitação, a artista se propõe a vestir os equipamentos de montaria usados nos cavalos durante a sua estadia no local e na sala de dança. São os equipamentos usados nos cavalos para doma – cordas, arreios e selas - os mediadores entre as práticas acompanhadas durante a estadia no estábulo e a sala de dança⁵⁴. Para orientar o espetáculo, duas perguntas surgem como centrais: quais cavalos interessa co-constituir na sala de dança? Como reconfigurar a doma de maneira a destacar a partilha ao invés de práticas desiguais? Guiada por estas questões, a *doma na dança* varia com relação à *doma no Hipis-*

54 O Laboratório Tecnologias, Ciências e Criação integra o projeto de implantação do Centro de Equoterapia da Universidade Federal de Mato Grosso por entender que as pesquisas poéticas podem subsidiar as práticas desenvolvidas por outros profissionais neste espaço de convivência.

dominância da dançarina humana. É assim que, por exemplo, no contato com dois teclados de computadores amarrados aos pés, trabalhou-se a pressão exercida pelas teclas que limitava a extensão possível dos passos, pois cada movimento supunha a dor das teclas na planta dos pés e, nesta limitação, produziu-se um pé que não existia até então. Da improvisação entre pés e teclados emergiu um híbrido, *pés-teclados*, cujo modo de existência é característico da sala de dança, que talvez não exista para além dela, mas que permite colocar em cena corpos afetáveis e práticas de redistribuição de agência entre os dançarinos humanos e não humanos.

Nos relatos que escrevemos como parte dos processos de dança-pesquisa, narramos movimentos de humanos posicionados como efeitos de relationalidades “situadas com organismos, ferramentas e muito mais”, de modo que este redundando numa “bela multidão, em todas as nossas temporalidades e materialidades (que não se apresentam umas às outras como containers, mas como verbos co-constitutivos), incluindo as que falam da história da terra e da evolução” (Gane, 2009, p. 2). Para contemplar esta proposta, ao longo das narrativas buscamos trazer movimentos mínimos que poderiam ser considerados meras legendas de práticas, ou ainda, descartáveis à descrição de um espetáculo de dança, mas que interessam por tornarem visíveis processos de com-posição e re-com-posição da distribuição de agência entre humanos e não humanos, bem como os corpos interessantes produzidos nestas práticas. Quando iniciamos os primeiros trabalhos de pesquisa imaginávamos que o foco estaria em “dançar com não humanos”, no decorrer das práticas de dança e do estudo de outros artistas entendemos que, sim, dançávamos com não humanos, mas que, igualmente, o que estava colocado era também uma “o humano em dança” repositionado como uma bela multidão feita e refeita cotidianamente.

Uma ilustração de narrativa dedicada aos movimen-

tos mínimos pode ser encontrada na relevância que a troca de propriedades entre uma placa mãe de computador e uma pele humana pode adquirir. Durante a narrativa do espetáculo Móvel já comentado anteriormente, por exemplo, levamos em conta os arrepios que a placa mãe de computador, ainda contendo energia eletroestática nos seus capacitores, provocava na pele da artista. As placas ao provocarem quase imperceptíveis arrepios ativam um determinado modo de afetar-se da pele que, ao invés de um atributo inerente ao corpo, é reposicionada como efeito dos movimentos ontológicos da dança e da escrita. Trata-se de um movimento mínimo – o arrepio na pele –, movimento que não é visível para o público que assiste ao espetáculo de dança. Movimento mínimo que ao ser mobilizado na narrativa coloca em cena a *pele-placa* que passou a existir na dança. Observe-se que as narrativas de movimentos mínimos circunscrevem modos de montagem que se movem nos planos epistêmico, ontológico e político, provocando reordenações nas distinções entre ficcional e factual já que acionam modos de existência nem sempre atualizáveis fora das salas de dança (Law, 2004).

Stengers (2002) nos lembra de que uma das invenções primeiras das ciências modernas foi a de haver conjugado e particionado a *poesis* radicada na paixão *por fazer existir determinada realidade* até então inexistente e o juízo que advoga a necessidade de que a *realidade criada* poeticamente seja um *testemunho de sua própria existência*. Desta emergência bifurcada derivaria a autoria científica situada como um estranho híbrido que mescla a *poesis* na *paixão por fazer existir* e o juízo ao colocar em cena o ônus de provar que *a realidade produzida é capaz de prestar um testemunho fidedigno* de uma realidade que, pouco ou quase nada, guarda do movimento poético precedente. Retomando essa imagem cindida do cientista-poeta-que-cria e do cientista-juiz-que-testemunha, pode-se argumentar que os relatos e a produção de testemunhos na dança-pesquisa em

TAR, conforme proposto nas narrativas de movimentos mínimos, dão *provas de existência* estranhas aos regimes que orientam o juízo factual. Levar em conta que os relatos que produzimos são passíveis de testemunhar movimentos e modos de ser ainda não atualizados, ou sequer atualizáveis, coloca em primeiro plano a dimensão poética da produção científica que passa a responder menos ao juízo factual e mais às indagações cosmopolíticas acerca dos mundos e corpos que co-constituímos.